

# Precisamos falar sobre o Kevin

*(We need to talk to about Kevin)*

Autora: Lionel Shriver

Direção: Lynne Ramsay,

Resenhado por: Mireille Bellelis Rossi<sup>1</sup> e Cristian Holovko<sup>2</sup>

*Precisamos falar sobre Kevin* é uma adaptação cinematográfica de um romance homônimo escrito pela americana Lionel Shriver que venceu o prêmio britânico *Orange Prize* 2005. O filme foi dirigido pela escocesa Lynne Ramsay, a mesma de *Morvern Callar* e *Ratcatchers*, conhecida pela competência de abordar situações-limite bastante angustiantes. É um filme forte, pesado, onde o espectador desde o início tem indícios da catástrofe final.

As cenas são apresentadas em fragmentos desordenados cronologicamente que convidam o espectador a reviver momentos descontínuos das memórias de Eva, a protagonista. Trata-se de uma mulher casada, bem-sucedida no ramo do turismo, independente, que se vê às voltas com uma gravidez desejada pelo marido. Já demonstra sinais de não envolvimento emocional com o bebê aos poucos meses de gravidez; enquanto outras mães curtem esse momento tão especial, ela se revela entediada e perdida em relação à sua própria barriga.

O parto aparece como um momento extremamente difícil e sofrido, sua reação com o bebê é de distanciamento e rejeição; ela está totalmente ausente. O bebê em casa chora e Eva é incapaz de acolhê-lo de forma a lhe dar o que precisa. Vemos claramente, nesse momento, sua falta de capacidade para cuidar do filho, de acalmá-lo, niná-lo, enfim, de fazê-lo parar de chorar. Há uma cena muito chocante na qual Eva segura seu bebê distante de si, chacoalhando-o para cima e para baixo, em um esforço enorme para não sucumbir ao sofrimento e à raiva de não saber o que fazer. Vai à rua e para o carrinho de bebê ao lado de uma britadeira, onde o barulho ensurdecedor é um bálsamo que a impede de ouvir o choro infundável. Já o pai, quando segura seu filho, embala-o com amor e ele não chora. Toda essa inabilidade de Eva aparece claramente no decorrer da infância de Kevin; a mãe não consegue estabelecer um diálogo com seu filho, nem nas mais simples brincadeiras.

---

1 Publicitária e produtora da revista *Alter*.

2 Psicólogo clínico, formado em Psicologia pela PUC-SP, Master pela Paris VII Denis-Diderot.

A criança demora muito para falar e controlar os esfíncteres. Na realidade, Kevin faz tudo que pode para chamar a atenção da mãe. A mãe é sua audiência desde sempre. Kevin não é produto de um trauma evidente, como seria em situação de abuso sexual, violência familiar, testemunha de assassinatos ou acidentes graves. O que se apresenta é a incapacidade materna. Aí podemos vislumbrar possíveis componentes determinantes da tragédia futura.

Na superfície, o ambiente familiar é extremamente normal. É uma família americana, de classe média, com razoável nível de instrução. O que fez Kevin tornar-se um assassino em massa? Doença congênita? Ou falha no ambiente? Acontece... Se fosse um problema no coração, no fígado, nos olhos, pé torto, qualquer coisa, esses pais percorreriam todos os hospitais necessários, fariam todos os tratamentos cabíveis. Mas é um caso de saúde mental. Ninguém quer acreditar que um lindo menino, saudável e inteligente, seja um doente mental, então não se procura ajuda, não se fala nada. A palavra inexistente, os diálogos são banais e corriqueiros, nunca atingem a real problemática do assunto. Os pais ficam cegos! Kevin é resultado de abandono invisível, os pais estão presentes, mas não enxergam as necessidades emocionais do filho. A psicanálise poderia ajudar?

## A análise de Kevin

Será que Kevinalaria numa sessão de análise, conseguiria expressar toda sua revolta por tudo e por todos? Sua mente doentia conseguiria ser tratada a ponto de conter ou até impedir a tragédia? Nada foi feito para impedir que Kevin se tornasse o que se tornou, um monstro, incapaz de se expressar, muito inteligente, mas uma inteligência que ele só quer para si. Os fatos importantes de seu desenvolvimento que são pontuados no filme, desde a mais tenra infância – sua personalidade contestadora, a não aceitação das regras simples e básicas, sua incontinência – são um grito de socorro, não ouvido pelos pais.

Vemos um momento único de afetividade entre mãe e filho, quando ela cuida dele após um mal-estar e lê para ele a história de Robin Hood. Podemos ver claramente o estado de prazer da criança de estar sendo acolhida pela mãe. Ele fica totalmente envolvido pela história do arco e flecha. Na adolescência, é o pai, cego, que presenteia o filho com um arco e flecha, instrumento que é, na sua forma original, uma arma letal e não um esporte. Arco e flecha foram concebidos para matar.

Kevin deixa claros vestígios do que é capaz de fazer, os pais não tomam providências, fingem não enxergar. O mais revoltante no filme não é o assassinato em massa, mas a ausência dos pais como educadores, orientadores e a falta total de diálogo. A obrigação real de um pai e de uma mãe é abrir horizontes para seus filhos, mostrar o mundo como ele é, iluminar seus caminhos, por mais obscuros que eles possam ser. Não é apenas suprir as necessidades fisiológicas, dar boas escolas, presentes, viagens, videogames, mas falar com eles, falar muito, dar seu tempo, sua presença, seu amor de forma interativa, alcançar o pensamento mágico da criança e entrar nessa mágica para poder entender o que se passa, o que ela pensa, se ela está feliz ou com medo, se algo a aflige.

Eva é incapaz de dar continência às angústias de Kevin. O pai não consegue perceber o estado de sua mulher e de seu próprio filho, ou escolhe não perceber. Mesmo que postulemos uma propensão genética à violência e ao sadismo, o ambiente não foi capaz de nutri-lo de experiências boas, a ambivalência dos sentimentos de Eva em relação a ele é forte demais, a dificuldade de aceitar seu ódio pelo filho faz com que isso se manifeste explosivamente na forma de ação. Há uma cena em que Kevin, enquanto acaricia uma cicatriz em seu braço feita pela mãe ao arremessá-lo com raiva contra uma parede, diz ter sido este o momento mais honesto de toda relação mãe e filho. Eva tinha ódio de Kevin, e ele sabia isso. Se o ódio foi fruto de questões transgeracionais, de falhas no ambiente infantil de Eva, ou mesmo oriundo da condição obrigatória da mulher de ser mãe perante a sociedade – o filme não deixa de ser uma narrativa em que a própria protagonista está perdida em suas memórias atrás de algo que dê sentido a suas experiências – a questão central é que Eva não conseguiu elaborar a profusão de conflitos que transbordavam em sua experiência de ser mãe. Se Kevin houvesse atravessado um processo psicanalítico, talvez tivesse conseguido colocar em palavras o vazio afetivo de sua mãe, todo o ódio e abandono de que foi vítima desde suas primeiras horas de vida e poderia ter escolhido outras formas de defesa para seu imenso sofrimento que não essa de fazer do mundo o palco do ressentimento *vis-à-vis* sua mãe, o que garantia a atenção constante de Eva, a grande espectadora de seu espetáculo brutal.

O filme é um apelo mudo. De “Precisamos falar *sobre* o Kevin”, chegamos a “Precisamos falar *com* o Kevin”, pois Kevin também precisa falar, expressar seu ódio, seus sentimentos obscuros. Porém, e sobretudo, “Precisamos falar com a Eva”!

Mireille Bellelis Rossi  
Al. Franca, 1188  
01422-001 São Paulo, SP  
mixrossi@gmail.com

Cristian Holovko  
Av. Angélica, 1996, cj. 708 – Higienópolis,  
01228-200 São Paulo, SP  
cholovko@gmail.com